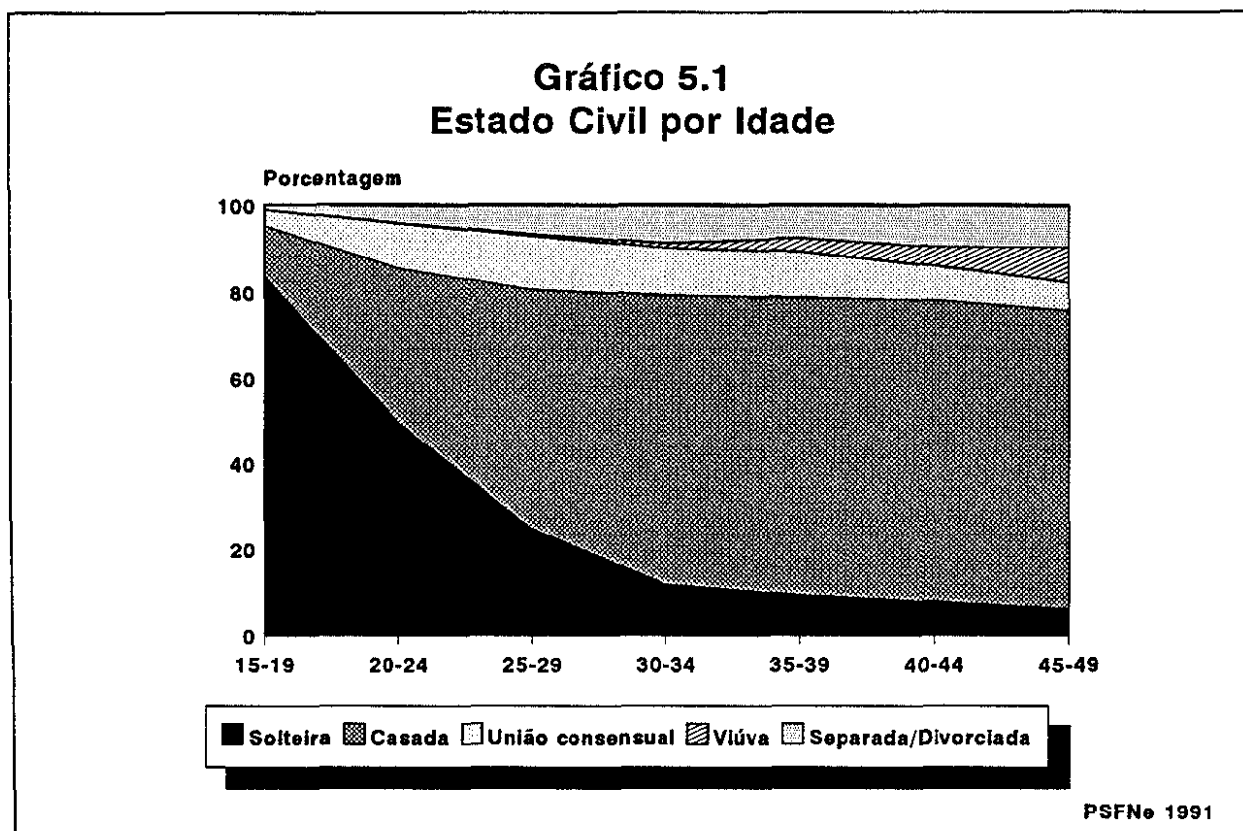


V. DETERMINANTES PRÓXIMOS DA FECUNDIDADE

Os determinantes próximos da fecundidade têm uma relação direta com a exposição à concepção. Além da anticoncepção, já tratada anteriormente, incluem-se, entre os determinantes próximos da fecundidade, a nupcialidade e a atividade sexual, a amenorréia pós-parto e a abstinência de relações sexuais e, finalmente, a infertilidade.

A época em que ocorre a primeira união pode ser um indicativo do início da vida reprodutiva e apresenta implicações importantes no curso da fecundidade.

No Nordeste, 57% das mulheres entre 15 e 49 anos de idade estão atualmente casadas ou unidas, 36% são solteiras, e os 8% restantes são separadas, divorciadas ou viúvas. As uniões consensuais representam 15% do total das uniões. Observa-se que, nas coortes mais jovens, existe uma maior proporção de uniões consensuais em relação ao total das uniões. Aproximadamente um quarto das mulheres unidas, com menos de 25 anos, encontra-se em união consensual, ao passo que, entre as mulheres de 45-49 anos, esta porcentagem é de apenas 9% (ver Gráfico 5.1). O casamento, na Região Nordeste, não pode ser considerado universal. Aos 30 anos de idade, 12% das mulheres ainda não se casaram, e 7% das mulheres acima de 40 anos de idade estão solteiras. Comparando com dados da PNSMIPF-1986, observa-se, em 1991, um aumento na porcentagem de mulheres solteiras. Por exemplo, em 1986, 39% das mulheres de 20-24 anos e 20% das mulheres de 25 a 29 anos eram solteiras, e, em 1991, para estas mesmas faixas etárias as porcentagens são de 50% e 25%, respectivamente.



Informações coletadas pelo calendário existente no questionário foram usadas para calcular a porcentagem de meses passados em união, nos cinco anos anteriores à pesquisa, entre mulheres de diferentes grupos de idades e características. A porcentagem de meses passados em união incorpora os efeitos da idade na primeira união, dissolução marital e novo casamento.

No Nordeste, devido à idade relativamente tardia ao casar e às altas taxas de dissolução matrimonial, as mulheres passaram, em média, menos da metade do tempo (41%), nos últimos cinco anos, em união. Apesar da porcentagem de meses passados em união aumentar com a idade, mulheres de 30 anos ou mais passaram, neste período, somente 60% dos meses em união. Observa-se grandes diferenças na exposição marital, segundo a instrução da mulher, o que, de certa forma, é um reflexo da idade ao casar: entre as mulheres com maior instrução o casamento ocorre mais tarde.

A idade mediana na primeira união, isto é, a idade exata na qual metade das mulheres se casam, é de 20,5 anos para a Região Nordeste. Observa-se que, entre as diferentes coortes, a idade das mulheres na primeira união manteve-se constante ao longo dos anos. Entretanto, enquanto 45% das mulheres encontravam-se em união aos 20 anos de idade, atualmente esta porcentagem passou a ser de 38% entre as mulheres de 20 a 24 anos de idade. Este declínio na proporção de mulheres de 20-24 anos em união parece ser uma tendência bem recente, a qual está acontecendo entre as mulheres que se casaram nos últimos 5 anos, e que, talvez, se mantenha no futuro. Para as mulheres de 25-29 anos de idade que se casaram no período de 5 a 10 anos anteriores à pesquisa não foi observada nenhuma mudança significativa.

Informações mais detalhadas sobre a idade mediana na primeira união podem ser verificadas segundo o local de residência, o estado da região e a instrução da mulher. Apesar da diferença ser pequena, as mulheres das áreas urbanas se casam um pouco mais tarde que as das áreas rurais (20,7 e 20,0 anos, respectivamente). Pode-se dizer o mesmo para as mulheres no Ceará e na Paraíba, onde a idade mediana ao casar é maior em relação aos outros estados da região.

As maiores diferenças na idade da primeira união são encontradas entre os diversos níveis de instrução. A idade mediana na primeira união para mulheres de 25 a 49 anos de idade sem instrução é cinco anos menos que a correspondente para o grupo com 9 ou mais anos de estudo. Esta tendência se mantém nas diferentes coortes de idade.

Apesar da idade na primeira união ser usada como uma referência do início da vida sexual, os dois eventos não coincidem, necessariamente. As mulheres podem iniciar as relações sexuais antes do casamento, principalmente se retardam a união.

No Nordeste, aos 18 anos, 36% das mulheres já tinham tido a primeira relação sexual, enquanto que somente 25% estavam casadas. Aos 20 anos de idade, metade já havia tido relações sexuais, e a porcentagem de mulheres unidas era de 38%. Para o total de mulheres da região, a idade mediana na primeira relação sexual é, em geral, um ano a menos da encontrada para a primeira união (19,4 e 20,4 anos, respectivamente).

Conclusões similares se obtêm na análise da idade na primeira relação sexual para os diversos subgrupos da população do Nordeste. A idade mediana na primeira relação sexual, assim como na primeira união, é um pouco maior nas áreas urbanas, no Ceará e na Paraíba e entre mulheres com maior instrução. Entre esses grupos, verifica-se uma postergação numa mesma extensão, tanto da primeira união como da primeira relação sexual.

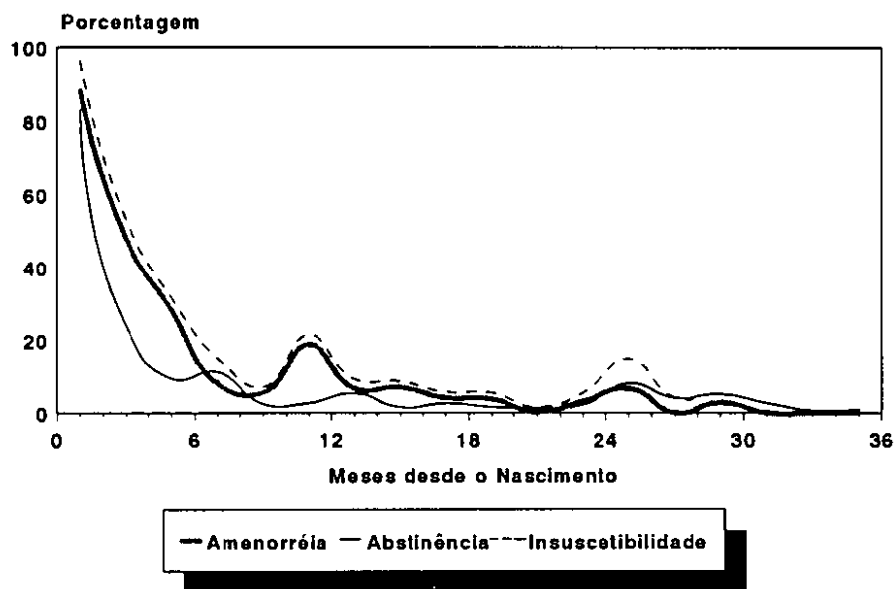
Além do casamento, um outro fator que contribui para a exposição à concepção é o nível de atividade sexual. Na ausência da anticoncepção, a probabilidade de uma gravidez ocorrer está relacionada à frequência das relações sexuais. Entre as mulheres entrevistadas que já tinham tido experiência sexual, quase 80%

reportaram pelo menos uma relação sexual no mês anterior à pesquisa. Entretanto, entre as mulheres que nunca estiveram unidas, esta porcentagem é de apenas 45%. Cerca de 4% das mulheres não tiveram relações sexuais porque estavam no período de abstinência pós-parto, e 17% estavam em abstinência por outras razões (desconhecidas). Observa-se que a única diferença significativa na proporção de mulheres sexualmente ativas está relacionada ao uso da anticoncepção. No Nordeste, as mulheres que não estavam usando anticoncepcionais são menos propensas a serem sexualmente ativas, em comparação com aquelas que estavam usando um método. Da mesma forma, observa-se que as mulheres esterilizadas são menos propensas a ser sexualmente ativas que as que estavam usando outros tipos de métodos. Este fato, em certa medida, pode estar relacionado com a idade: em geral a média de idade para as mulheres esterilizadas é maior do que para as usuárias de outros métodos. Entre as mulheres mais velhas, nota-se uma menor porcentagem de mulheres ativas, quando comparadas com aquelas do grupo de 25-39 anos. Em relação a residência e à instrução da mulher, não foi observada nenhuma diferença significativa no que se refere à atividade sexual.

A possibilidade de uma mulher engravidar diminui consideravelmente no período pós-parto. Contribui para isso a infertilidade temporária ou amenorréia (período entre o parto e o retorno da menstruação). Em geral, a maioria das mulheres experimentam um período de 1 a 2 meses de amenorréia. Após este período, a amenorréia é estendida pela amamentação.

Na época da pesquisa, 12% das mulheres com filhos menores de 3 anos de idade estavam em amenorréia, e 9% em abstinência sexual. Para 15% dos nascidos vivos nos últimos 3 anos, as mães estavam em amenorréia e/ou em abstinência sexual e, portanto, não suscetíveis à possibilidade de uma nova gravidez (ver Gráfico 5.2).

Gráfico 5.2
Amenorréia, Abstinência, e Insuscetibilidade



Nota: Porcentagem nascimentos cujas mães estão em amenorréia, abstinência, e insuscetibilidade

PSFNº 1991

A duração mediana da amenorréia pós-parto (período em que, para metade das mulheres, houve o retorno da menstruação) é de aproximadamente 3 meses. No Nordeste, metade das mulheres retomam as relações sexuais no período de até dois meses após o parto. Observa-se que o efeito conjunto do período da amenorréia e da abstinência é de 3,3 meses (duração mediana da insuscetibilidade pós-parto). Após este período, metade das mulheres que tiveram filhos nos últimos 3 anos voltaram a menstruar e a ter relações sexuais, ficando expostas à concepção.

A duração mediana da insuscetibilidade pós-parto entre os diversos grupos da população feminina do Nordeste tem uma maior contribuição da amenorréia do que propriamente da abstinência sexual. A única exceção é no Rio Grande do Norte, onde a duração da amenorréia é de menos de um mês, e a volta das relações sexuais ocorre quase dois meses após o parto. De uma maneira geral, as maiores diferenças entre a duração mediana da insuscetibilidade pós-parto ocorrem entre os diversos níveis de instrução e entre alguns estados da região.

Quanto mais baixa a instrução da mulher, maior é o período de insuscetibilidade pós-parto. O Maranhão é o estado que apresenta maior duração deste período (5 meses), duas vezes mais longo se comparado com Pernambuco, Alagoas e Sergipe (2,3, 2,4 e 2,4 meses, respectivamente).

Com o passar do tempo, principalmente a partir dos 30 anos de idade, a probabilidade de uma mulher engravidar começa a diminuir. Apesar de ser difícil precisar o início da infertilidade de uma mulher a nível individual, existem maneiras de estimá-la para uma população específica. A menopausa, que é um indicador de infertilidade, compreende mulheres que não tiveram o período menstrual durante os seis meses anteriores à pesquisa, não estavam grávidas e nem em amenorréia pós-parto. A porcentagem de mulheres entrevistadas entre 40 e 41 anos que estava na menopausa é de somente 3%, porcentagem esta que atinge 40% das mulheres entre 48 e 49 anos de idade. Um outro indicador de infertilidade é a abstinência prolongada, isto é, a porcentagem de mulheres atualmente em união que não teve relações sexuais nos últimos três anos. A porcentagem de mulheres que se enquadra nesta categoria é bastante baixa em todos os grupos etários.